

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JB

CLASS. : 47

DATA : 19 05 90

PG. : 07

Pesquisa na Amazônia ganha mais força com universidade especial

SÃO PAULO — Com a instalação da Universidade do Trópico Úmido (Unitrop), no próximo dia 28 de junho, na cidade de Balbina, no Amazonas, os pesquisadores brasileiros envolvidos com estudos sobre a região Amazônica terão muito o que comemorar. Afinal, a criação de uma instituição concebida para gerenciar e financiar especialmente as pesquisas na Amazônia sempre foi uma das mais antigas reivindicações dos cientistas amazônicos, cansados de se embrenhar mais nos caminhos burocráticos em busca de financiamento para pesquisas do que nas trilhas da floresta. "A Unitrop vem preencher um lugar vago há muito tempo na organização das pesquisas", sentencia o doutor em meteorologia Luís Carlos Molion, de 43 anos, já escolhido para dirigir a universidade.

A lacuna que a Unitrop irá preencher — um centro catalogador e gerador de pesquisas — é, na verdade, de importância vital para a administração e o aproveitamentos dos estudos realizados na Amazônia. "O pesquisador sul-americano passa 90% do tempo atrás de dinheiro e apenas 10% realmente usando seu cérebro para novas descobertas", analisa Molion. Idealizada a partir justamente dessas dificuldades encontradas pelos cientistas para custearem seus projetos de pesquisa na região, a universidade pretende ser uma espécie de agência de financiamentos rápida e desburocratizada, destinada ao custeio de estudos sobre a floresta e sua gente, incluindo desde o modo de vida e a cultura de tribos indígenas até o complexo sistema de interação entre o clima e a vegetação típica.

A Unitrop será uma fundação de direito privado, sem fins lucrativos, que deverá ser mantida às custas de doações do governo do Amazonas, de indústrias privadas — a Paranapinema S/A, mineração, indústria e construção, que atua na região na área de mineração, já demonstrou interesse em participar da fundação — e também de outras fundações privadas de meio ambiente, inclusive estrangeiras.

Expectativas — "A população mundial está sensibilizada com os problemas da degradação do meio ambiente e acredito que poderemos levantar boas somas em dinheiro", espera o especialista, baseado em sua própria experiência de 18 anos como cientista andarilho, empenhado em espalhar pelo mundo o conhecimento já garimpado sobre a Amazônia.

Por enquanto, não foi definida qualquer linha de pesquisa a ser privilegiada com os financiamentos. Essa tarefa será uma das funções do comitê de assessoria científica, um colegiado de 50 a 60 cientistas do mundo todo que será escolhido através de uma consulta prévia entre especialistas brasileiros, da América do Sul e da comunidade internacional. Esse comitê, além de designar áreas prioritárias, será também o principal responsável pela aprovação dos projetos submetidos à avaliação. Pesquisadores excluídos do comitê, mas de renomeada credibilidade, poderão ser chamados a opinar no processo de avaliação dos programas de pesquisa. Cada cientista avaliará os projetos de sua especialidade.

Mesmo sem uma definição quanto às prioridades da universidade em relação às pesquisas mais urgentes, Molion acredita que elas deverão ser divididas em duas classes: a de estudos básicos, envolvendo levantamentos sobre clima, vegetação e sociedade amazônica; e a de estudos práticos, onde estarão agrupadas as tentativas científicas de garantir o uso alternativo da floresta e suas riquezas sem a destruição do meio ambiente. "Nessa classe ficarão as pesquisas com silvicultura, psicultura, agricultura de várzea, recuperação da floresta destruída e outros projetos semelhantes", entende o especialista.

A sede da Unitrop será na própria cidade de Balbina, construída pela Eletronorte por exigência do relatório de impacto ambiental (Rima) feito para avaliar os impactos da construção da hidrelétrica que leva o mesmo nome da cidade. Em Balbina, estão dispostas cerca de 300 casas.